

APRESENTAÇÃO

Com muita satisfação e resistência trazemos a público mais um volume da revista *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, vinculada ao Núcleo de pesquisas literárias e cinematográficas (NUPELC - CNPq), sediado na Universidade Federal de Sergipe (UFS). O 8º volume, número 2, é referente ao segundo semestre de 2021, seguindo a concretização da nova periodicidade: semestral. Além de agradecer aos autores pelas submissões dos trabalhos, agradecemos ao nosso corpo de pareceristas, indispensável ao processo editorial, a nossa equipe técnica e nova revisora sempre vitais a esse processo, bem como a todas as pessoas envolvidas que dedicaram tempo e trabalho para possibilitar a publicação deste volume como um espaço de acolhimento e divulgação de trabalhos que discutam os conflitos contemporâneos nos entremeios dos tecidos epistemológicos que validam e justificam a pesquisa, a interdisciplinaridade e seu papel de extensão social.

É sempre comum lermos em diversos *best-sellers* que estamos em um período de transição. Para além de livros, a conjuntura (em especial política) na qual vivemos, bem como a nova situação mundial oriunda das mazelas impingidas à sociedade pela COVID-19 amplia o eco dessa afirmação um tanto quanto peremptória. Sua proposição afirma e, ao mesmo tempo, desconstrói diversas facetas sociais pelas quais passamos nessa já adolescente primeira metade do século XXI porque, em verdade, todo período é constitutivo de uma transição. A História, enquanto ciência que sistematiza os eventos, costuma dividir esses eventos em momentos alocados para compreensão de certos períodos e acontecimentos que se aproximam. Apesar de coeso, cada fato e ato são, inerentemente, transições entre um momento e outro.

Destarte, mais importante que entender qualquer elemento maior que marque uma transição já destacada social-historicamente como a mudança de um governo, a passagem de ano, a entrada de um novo século ou a transformação social advinda de um novo produto tecnológico, a grande importância da reflexão sistemática é sua ação no comezinho do cotidiano, no dia-a-dia que parece não ter valor, no silenciamento social que os tempos de calma e de “falta de transição” apresentam. Dentro desse silêncio, gritante, nascem grandes reflexões que transformam o mundo e criam espaços de memória a fim de possibilitar encontrarmos as urgências em que a vida apresenta e pede reflexão.

É neste cenário de transição, distópico e pandêmico que vem à baila este segundo volume. Eminentemente crítica a revista apresenta ao leitor sua postura, através da memória científicista, e abre sendas de leitura nas mais diversas áreas a que se propõe refletir, uma vez que “dir-se-á que a consciência do tempo se manifesta, pura e simplesmente, através do progresso da memória” (PIAGET, 2002, p. 299). De seu leque de possibilidades nasce um olhar plural, descentrado, que não aceita o marasmo e nem espera a transição para poder pensar a língua, a literatura e a educação em um contexto novo, inesperado e, até o momento, completamente amorfo.

Em uma complexa teia de reflexões que, longe de querer o fácil e o corriqueiro, instila uma percepção múltipla de seus efeitos, este novo número da revista parece procurar seu objeto por diversas formas: ora por dentro, ora por fora, no coletivo, em particular, de forma autônoma ou histórica, em seu viés social, filosófico, psíquico, antropológico etc. mas nunca de forma a esgotar o assunto. Dentro dessa concepção de complexidade, temos um arquivo do pensamento que se apresenta em dez textos questionadores do anquilosamento reflexivo, sendo oito deles artigos científicos, um ensaio e uma resenha a respeito de uma epopeia escrita por uma monja portuguesa. Tais pesquisas, mediante diferentes perspectivas de abordagem, apresentam uma gama de pesquisadores e ensaístas que, sob o prisma de uma destacada pluralidade, avaliam as mais esparsas áreas das humanidades. Assim, esse volume ampara uma pertinência reflexiva que busca a compreensão do conjunto nessa diversidade, mas nunca perdendo de vista as especificidades de cada espaço atravessado por signos da história e suas variadas multiplicidades de abertura.

No primeiro artigo deste número, Jussara Barbosa da Silva e Larissa de Pinho Cavalcanti apresentam o recorte de uma pesquisa que investiga a representação das mulheres nos livros didáticos de língua inglesa em uma perspectiva multimodal. As análises desenvolvidas pelas pesquisadoras se detêm sobre livros didáticos de língua inglesa utilizado em escolas públicas no Sertão do Pajeú entre 2019 e 2020 e constataam como a predominância de mulheres brancas ainda é extremamente marcada, bem como os discursos sexistas que subjazem essa representação.

Em *A intérprete Maria Bethânia: Uma análise à luz da Teoria Dialógica da Linguagem*, de Antônio Bonfim, tematiza os diversos elementos de brasilidade presentes na escolha de suas canções, bem como de sua trajetória artística. Valendo-se da perspectiva Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas, Serra Talhada, vol. 8, n. 2: 01-04, Jul/Dez. 2021

bakhtiniana, Bonfim questiona e aprofunda leituras da gestualidade, da entonação, dos fonemas, entre outros tantos que compõem o enunciado vivo materializado no fazer artístico da intérprete. Em sequência, temos o artigo *Corpo e violência em Abril Despedaçado* de Glória Lima dos Santos e Fernanda Surubi Fernandes, cujo intuito é o de analisar o filme de Walter Salles em suas diferentes materialidades, tais como som, imagem, escrita. Partindo de uma perspectiva da Análise de Discurso, as pesquisadoras refletem sobre a violência e as ações que ela produz no e sobre o corpo, bem como resgatam questões ritualísticas sobre a morte, o corpo e a libertação. Já em *O discurso consumista e suas implicações em As Coisas (1965), de Georges Perec* a pesquisadora Cristiane Fonseca Carvalho propõe uma leitura do consumismo presente em *As coisas: uma história dos anos sessenta*, do escritor francês Georges Perec. Nele, Cristiane verifica como o discurso consumista se consolida no texto, bem como ele implica na constituição das personagens. Valendo-se Análise do Discurso de linhagem francesa, a pesquisadora constata como a valorização do consumo se projeta enquanto critério de felicidade e fomentador de um modo de vida capitalista.

Em seguida, com o artigo *Um constructo silencioso: a transfiguração da narrativa mm La Jetée* de Aline Cristina da Silva. Menos por questões filmicas e muito mais por reflexões sobre construção imagística, os artigos dialogam no momento em que Silva avalia as transfigurações acontecidas no curta-metragem de Chris Marker. Se em *Abril despedaçado* Salles conduz a narrativa para a quebra das tradições, no curta de Marker a reflexão se pauta na construção da imagem enquanto objeto artístico. Há, ainda, o artigo *Projeto pedagógico, ensino de história e interdisciplinaridade: semana da consciência negra*, de José Luiz Xavier Filho, cujas reflexões partem de um Projeto Pedagógico na área de História, desenvolvido na Escola Municipal Cordeiro Filho, localizada no município da Lagoa dos Gatos, estado de Pernambuco. Partindo da questão Afro-brasileira, o projeto – aplicado em turmas do 6º ao 9º ano – desenvolveu noções importantes para criar um espaço escolar democrático, plural e reconhecedor da diversidade cultural e religiosa.

O artigo *Reflexões sobre Identidade e Consumismo no contexto da Pós-Modernidade* de Iago Ramon Möller e Deise de Moura Frizon. Neste, diferente de Carvalho, os pesquisadores tomam como mote a questão do consumismo a partir do posicionamento de conceitos especificados por estudiosos da área, propondo uma articulação de ideias a fim de apontar direções para a problemática exposta. Em *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, vol. 8, n. 2: 01-04, Jul/Dez. 2021

Totalitarismo, distopia e poder em 1984 de George Orwell, Andryelle Silva dos Santos aborda as relações de poder e seu engendramento com a construção do romance 1984 de George Orwell. A partir do pressuposto foucaultiano, Santos comprova que o romance não apresenta somente oposições entre sociedades livres e prisionais, mas comprova que os mecanismos de dominação se espriam em diversos quesitos para impor a sujeição como elemento precípua de controle.

Nas páginas finais, temos um ensaio e uma resenha, cuja seleção confirma a orientação reflexiva deste volume. No ensaio *Some narratological reflections on History and Literature*, assinado por Hudson Marques da Silva, temos apresentação de reflexões a respeito da relação entre historiografia e literatura. Nelas o autor utiliza-se de pressupostos teóricos múltiplos, que vão da Filosofia à História e À Teoria Literária para confrontar as duas visões basilares mobilizadas a fim de identificar constatar como a questão da realidade é apresentada. Por fim, a resenha de Wellington Rafael de Araújo Guida apresenta o épico *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor*, epopeia escrita em meados do século XVII pela monja Soror Maria de Mesquita Pimentel.

Os artigos, com suas diversas abordagens críticas e metodológicas, se desdobram em vozes autorais para refletir e ecoar outras vozes para chegar à mão dos leitores de forma única e singular. Para além de multiplicidade de vozes, o volume é um convite à reflexão em tempos de silenciamento e afastamento, em um momento perigoso, no qual a falta de proximidade social e a distância intelectual parecem criar buracos que impedem o contato e a boa reflexão, o questionar de ideais e o livre debate de opiniões. Destarte, nosso intuito é o de que tais textos reverberem e, ultrapassando a barreira do silêncio imposto ao pensamento destoante, alcance voz no espaço do marasmo que nossa sociedade parece encontrar-se. Se acaso nossa um único som alcançar ouvidos, acreditamos ter cumprido a tarefa de apresentar trabalhos e ampliar a reflexão sobre nosso tempo.

REFERÊNCIAS

PIAGET, Jean. *A noção de tempo na criança*. Rio de Janeiro: Record, 2002. 462p.

Prof. Dr. Nefatalin Gonçalves Neto (UFRPE/USP)

Prof. Dr. Jean Paul d'Antpny Costa Silva (UFS)